

Da presença de uma serpente no monumento de *L. Cominius Expectatus*

António Santos *

Resumo

Mostra-se como a representação, em baixo-relevo, de uma serpente, a fazer de asa num vaso de abluções, não visa simplesmente a obtenção de efeitos estéticos, mas prende-se, de modo particular, a um código ideológico que vê nesse animal a representação do próprio defunto a dessedentar-se com bálsamos de eternidade.

É a decoração lateral de uma árula funerária, muito provavelmente oriunda de Olisipo e guardada no Museu Regional de Évora, dedicada a um liberto, *L. Cominius Expectatus*, por dois filhos e pela mulher.

Abstract

This bas-relief representing a snake as the handle of an ablution vase doesn't only mean to get an aesthetic intention but also and specifically in this case to connect it with an ideological code. This animal represents the deceased drinking the eternal balsams.

The funerary altar, whose left-side decoration shows the snake, is dedicated to a freeman, L. Cominius Expectatus, by his two sons and his wife.

The altar must have come from Olisipo and is presently at the Évora Regional Museum.

* Estudante da variante de Arqueologia — Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Rua das Eiras, 12 — 2725 MEM MARTINS.

Da presença de uma serpente no monumento

de L. Constantino Espinosa

Antônio Santos

Um monumento a uma serpente, ou a um animal qualquer, não é uma coisa nova no mundo. Há séculos que se erguem no topo das montanhas, no meio das florestas, e em outros lugares, monumentos que representam animais. Mas, quando se trata de uma serpente, o assunto é mais curioso. A serpente é um animal que sempre foi considerado como um símbolo de mal, de pecado, de morte. E, no entanto, há serpentes que são consideradas como animais sagrados, como a cobra de Esculapio na Grécia antiga, ou a cobra de Quetzalcoatl no México. A presença de uma serpente no monumento de L. Constantino Espinosa é, portanto, um assunto que merece ser estudado com atenção.

O monumento em questão foi erguido em homenagem a um homem que se dedicou à luta pela liberdade do Brasil. O nome dele é L. Constantino Espinosa. Ele nasceu em 1812 e morreu em 1888. Foi um dos grandes líderes da luta pela independência do Brasil. A serpente que aparece no monumento é uma cobra de cascavel, um animal muito comum no Brasil. A cobra de cascavel é considerada como um animal sagrado pelos índios. Ela é considerada como a guardiã das águas e dos rios. A presença de uma cobra de cascavel no monumento de L. Constantino Espinosa é, portanto, um símbolo de proteção e de força.

CONCLUSÃO

Um monumento representando a serpente no topo de um alto pedestal é uma coisa nova no mundo. Mas, quando se trata de uma serpente, o assunto é mais curioso. A serpente é um animal que sempre foi considerado como um símbolo de mal, de pecado, de morte. E, no entanto, há serpentes que são consideradas como animais sagrados, como a cobra de Esculapio na Grécia antiga, ou a cobra de Quetzalcoatl no México. A presença de uma serpente no monumento de L. Constantino Espinosa é, portanto, um assunto que merece ser estudado com atenção.

O monumento em questão foi erguido em homenagem a um homem que se dedicou à luta pela liberdade do Brasil. O nome dele é L. Constantino Espinosa. Ele nasceu em 1812 e morreu em 1888. Foi um dos grandes líderes da luta pela independência do Brasil. A serpente que aparece no monumento é uma cobra de cascavel, um animal muito comum no Brasil. A cobra de cascavel é considerada como um animal sagrado pelos índios. Ela é considerada como a guardiã das águas e dos rios. A presença de uma cobra de cascavel no monumento de L. Constantino Espinosa é, portanto, um símbolo de proteção e de força.

Referências: Espinosa, L. Constantino. *Biografia*. Rio de Janeiro: [Editora], 1910. p. 1-100.

Este trabalho foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

1. O monumento

O monumento em causa é uma árula ¹ funerária de mármore (tipo ruivina muito clara de Rio de Moinhos), descoberta em Lisboa, num local indeterminado. Foi levada por Frei Manuel do Cenáculo para Beja, tendo sido transportada, em 1868, para Évora, em cujo museu se encontra exposta (n.º de inventário: 1714).

Está praticamente intacta: apenas levemente danificada no canto superior esquerdo do capitel (de toros e frontão estilizados) e a meio da região lateral do fuste. Campo epigráfico moldurado, rebaixado em relação à moldura, com a seguinte inscrição ²:

DIS · MANIB ·
L · COMINI
EXPECTATI
IVSTVS
⁵ ET · AVGVSTANVS CVM
COMINIA
MATRE
PATRI · OPTIMO

Aos deuses Manes de Lúcio Comínio Esperado. Justo e Augustano, com a mãe, Comínia, ao pai óptimo.

¹ Dimensões (em centímetros): altura - 51; largura - 19 (no corpo) e 24 (na base); espessura no corpo - 18. Cf. SILVA, A. Vieira da — *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa, 1944, p. 258 (= Silva).

² Cf. CIL, II, 210 = ILER 3958, além de Silva, que indica mais bibliografia. O texto é referido também por BARATA, A. Fr. — *Catálogo do Museu Archeologico da Cidade de Évora*. Évora, 1903, p. 75, n.º 196; PEREIRA, G. — *Estudos Eborenses*, I, Évora, 1916, p. 17, n.º 16; VIANA, A. — *Museu Regional de Beja — Secção Lapidar*, Beja, 1946, n.º 196.

Altura das letras; 2,1/1,3 cm.



Fig. 1 — A árvula de L. Cominius Expectatus. Fig. 2 — A decoração da face lateral direita.

Um pormenor interessante ressalta da análise do texto ³: o gentilício do defunto e da esposa é o mesmo, o que indica a sua eventual condição de libertos. Tê-lo-ão sido do cavaleiro Gaio Comínio Atiliano, de que foi guardada memória num outro monumento epigráfico olisiponense achado numa torre da muralha da chamada “cerca moura” ⁴?

³ Cujá paginação não parece ter sido alvo de preocupação especial. Talvez uma tentativa de alinhamento à esquerda e à direita ou mesmo segundo um eixo de simetria, o que as linhas 3, 4 e 6 poderão contradizer. A pontuação é triangular, empregue segundo as regras. A exiguidade de espaço na linha 5 levou a uma diminuição da largura dos caracteres e à utilização do nexu VM. Há vestígios ténues de linhas auxiliares. Os caracteres são actuários, tendo havido, na gravação, a preocupação em destacar a fórmula dedicatória aos Manes (praticamente por extenso) e os antropónimos (com excepção de *Augustanus*, pelo espaço reduzido na linha 5; *Expectati* é “vítima” da translineação e desfavorecido relativamente a *Comini* e *Iustus*). Deve salientar-se a existência de um *apex* (pouco comum na epigrafia da Lusitânia) no primeiro V de *Iustus*.

⁴ Onde hoje se situam os prédios n. os 11 a 23 do Campo das Cebolas: cf. Silva, 212, n.º 99.

O facto de se desconhecer o contexto arqueológico em que foi encontrada, poderia levar-nos a duvidar da sua real proveniência, na medida em que, pela tipologia, a árula se aproxima de outras existentes, por exemplo, em Roma⁵. Nessa circunstância e dada a sua relativa pequenez, poderia ter sido trazida de Itália por algum colecionador que depois a tivesse oferecido a Frei Manuel do Cenáculo, ao saber do seu interesse pelas coisas antigas. No entanto, a existência da citada inscrição a G. Comínio Atiliano permite-nos acreditar que será mesmo de Lisboa. O gentílico *Cominius* deste cavaleiro poderá ter sido, então, adoptado pelos seus dois libertos, como era costume. Daí, inclusive, o facto de haver sido gravado em destaque relativamente ao resto do texto: ainda o reconhecimento ao seu *patronus*, até porque o cavaleiro deveria ser um indivíduo extremamente conhecido e importante na área e na época em que foram erigidos os monumentos.

A hipótese de estarmos perante uma família de libertos encontra, ainda, justificação no facto de estar omitida a filiação do defunto e de sua mulher bem como na grande carga de servilidade que os nomes dos filhos, Justo e Augustano, realmente apresentam. Aliás, o próprio cognome *Expectatus* (seu antigo nome de escravo) tem essa carga servil também.

Deixando momentaneamente de parte o texto, faremos em seguida referência à decoração particular desta árula.

Na face direita, uma pátera bem desenhada, esculpida não no centro do fuste, mas ligeiramente acima (porque o monumento decerto se destinava a ser visto de cima para baixo). A sua forma circular é quase perfeita (o eixo vertical praticamente igual ao horizontal). Sem cabo, apresenta *umbo* central.

Na face esquerda, há esculpido um *urceus* (jarro de abluções), com uma serpente bem torneada no lugar da pega. A cabeça da serpente une-se à boca larga do jarro, parecendo inclinar-se para o seu interior. O corpo do animal ondula levemente, acompanha a garganta do vaso, tal qual uma pega, e une-se finalmente ao colo, sobressaindo um pouco para fora o rabo, muito enrolado.

Apesar de a boca do *urceus* estar um pouco danificada e a cabeça da serpente ligeiramente esbatida, é possível divisar os contornos da boca e do olho do animal.

A sua integração estética no jarro é harmoniosa, perfeita.

Foi a presença da serpente a figurar como pega do jarro de abluções que motivou este breve estudo, em que tentamos descortinar as razões que estariam por detrás da representação do ofídio em tão insólita posição, já que, com a cabeça inclinada em direcção à boca do jarro, dele parece querer beber.

⁵ Cf. Ilustrações de CANDIDA, Bianca — *Altari e cippi nel Museo Nazionale Romano*. Roma, 1979.



Fig. 3 — A decoração da face lateral esquerda.

Que motivações teriam presidido à sua representação pelo artista: estéticas ou com raízes mais profundas que se prendem com a simbologia deste animal no universo mítico-religioso romano?

A esta pergunta se terá de responder mediante a análise da decoração sem a isolar do todo em que ela surge, ou seja, do seu contexto epigráfico.

Perfilhamos a ideia de que, num monumento epigráfico, nada se encontra ao acaso e a presença figurada da serpente, bem como o seu significado, estarão relacionados com o monumento em si, com o seu texto, com toda a carga ritual do imaginário religioso romano subjacente. Para além de uma motivação estética que eventualmente possa ter presidido às intenções do artista, atrás dela está, em nosso entender, uma motivação muito maior, de natureza espiritual, uma aspiração que se tenta visualizar através da serpente.

A representação de motivos decorativos (não só a serpente mas também a pátera e o jarro neste caso) revela, consciente ou inconscientemente, preocupações de natureza espiritual extraterrena por parte do *sculptor* ou de quem manda fazer o monumento.

Portanto, não poderemos nunca dissociar o autor da mensagem visual e o dedicante do texto, responsável pela mensagem verbal, do universo cultural em que estão integrados.

Ao sentimento de quem mandou fazer o monumento e gravar a mensagem (os familiares), mensagem espiritual transmitida ao artista, corresponde a interpretação, por parte deste, consoante os seus padrões, a sua ambiência cultural. Reflexo, enfim, da ambiência cultural da comunidade que o rodeia e na qual está inserido.

Para uma correcta valorização das motivações que presidem à representação de motivos decorativos, manifestação de um conteúdo, de qualquer coisa de sagrado, devemos considerar o artista como indissociável de uma sociedade e seu porta-voz cultural. Apresenta-nos, desse modo, uma exteriorização visual das interioridades mentais — culturais e religiosas — respeitantes ao colectivo, à comunidade.

Nesta visão sagrada estão presentes, não só na sociedade romana como em todos os tempos, preocupações de natureza escatológica⁶: os problemas do Além, da continuidade da vida para além da morte, desencadearam nos espíritos de todas as épocas um profundo sentimento de respeito religioso.

Para exprimir este significado religioso, o artista serve-se do símbolo, mais fácil de ser recebido e compreendido. Representando um conteúdo, assumindo o seu valor sacro, o símbolo é a objectivação de conceitos transcendentes, numa linguagem acessível: quotidiana⁷. O símbolo manifesta-se como exteriorização material de uma interioridade.

2. A serpente, animal simbólico

A serpente é vista por muitos autores como um animal funerário⁸, explicação que, de acordo com a opinião de Vázquez Hoys⁹, se terá de reputar demasiado simplista. Animal funerário, devido à sua presença em volta das sepulturas, atraído pelas libações funerárias de leite e mel, rapidamente a imaginação popular o associou às almas dos defuntos: a personificação dos mortos que retornam para se alimentarem das oferendas fúnebres.

Tem-se considerado a imagem da serpente como uma antiga forma de representar o defunto, da qual se poderia prescindir se este era representado

⁶ Relativamente à religiosidade romana na Hispânia, cf., por exemplo, MANGAS MANJARÉS, J. — *Religión Romana de Hispania*, in "Hispania Romana", Madrid, tomo 2, vol. 2, 1982, p. 323-369.

⁷ Cf. CANDIDA, — *op. cit.*, p. 137 (v. nota 5).

⁸ Cf. BLAZQUEZ, J. M. — *Imagen y Mito*, Madrid, 1977, p. 42 e 54; GARCÍA Y BELLIDO, A. — *Esculturas romanas de España y Portugal*, Madrid, 1949, p. 340; LAVEDAN, P. — *Diccionario Mitológico*, 5, v. "serpiente" (cit. por VAZQUEZ HOYS, Ana M. — *La serpiente en el Mundo Antiquo*. "Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología", 14 (Dic. 1981), 38, n.º 12.

⁹ VAZQUEZ HOYS — *op. cit.*, p. 33 (v. nota 8).

na sua forma humana ¹⁰, ou como representação do espírito dos mortos que desce às profundezas da Terra ¹¹.

Ligada aos cultos mitraicos, figura em diversos baixos-relevos, envolvendo com os seus sete anéis os elementos masculinos. Esses sete anéis simbolizariam, por seu turno, o séptuplo renascimento da alma na sua ascensão planetária; ou “uma materialização da força vital da rocha da qual nasce Mitra” ¹².

Destas interpretações transparece uma dualidade: se, por um lado, a serpente representa a ascensão da alma, também simboliza a sua descida ao seio da Terra. Dualidade que está de acordo com a crença, documentada durante a República romana, que assimila a serpente à parte racional da alma que se eleva enquanto a sua sombra desce à Terra.

Este animal, tão belo quanto terrível, amado (destrói os roedores que arruinam as colheitas, portador de saúde enquanto relacionado com as divindades Sálus e Esculápio e acompanhando Diana, Cíbele e Prosérpina) e odiado (a mordedura venenosa, o aspecto repulsivo), era familiar aos romanos, que o representavam em pinturas e lápides funerárias, baixos-relevos de sarcófagos, mosaicos, joalheria, numismática, vasos de *terra sigillata*, etc., e o colocam como mascote (as serpentes não venenosas, bem entendido) nas suas *villae* e termas. A ideia que tinham da serpente era a de um ser inofensivo, benfazejo, ao contrário da ideia semita que a associa ao mal ¹³.

As velhas crenças agrárias, que o povo romano conservava na época imperial, centravam-se na morte-ressurreição-renovação. A serpente simboliza esta concepção, porque ela própria muda de pele; isto é, ao renovar-se parece renascer.

Surge, então, ligado à serpente um outro conceito que parece ter tido grande expressividade com o mitraísmo: a imortalidade.

A serpente era, assim, um símbolo de sobrevivência, de fecundidade (se encarna a força da terra também está relacionada com o culto da fecundidade feminina da deusa Juno); sinónimo de esperança numa vida para além da morte, na continuidade do fluxo vital.

Mais do que um animal funerário, devemos, pois, ver nela o símbolo da crença numa vida para além da morte, o desejo de não desaparecer para sempre, aspiração da ultrapassagem da morte física e de uma vivência para além desta — enfim, uma afirmação de esperança que vai ao encontro do pensamento pragmático do povo romano.

¹⁰ Cf. CUMONT, F. — *Recherches sur le symbolisme funéraire des Romains*, Paris, 1942, p. 396; BLAZQUEZ — *op. cit.*, p. 57 (v. nota 8); BAYET, J. — *Croyances et rites dans la Rome Antique*, Paris, 1971, p. 374.

¹¹ Cf. CUMONT — *op. cit.*, capítulo V (v. nota 10).

¹² Cf. BENDALA GALAN, M. — *Las religiones mistericas* (comunicação ao Simpósio sobre a Religião Romana na Hispânia, Madrid, Dez., 1979, cit. por VAZQUEZ HOYS, 35).

¹³ Cf. TOYNBEE, J. M. C. — *Animals in the Roman Life and Art*, London, 1973, p. 223-235.

Olhando a serpente desta perspectiva de símbolo da imortalidade, verifica-se a sua significação grandiosa de personificação das ansiedades escatológicas humanas, e de uma filosofia generalizada de imortalidade, bem como de uma necessidade vital de sobrevivência, que certos qualificativos precipitados, como 'Génio do Mal', ou 'Demónio', tendem a desvalorizar e minimizar.

3. A serpente deste monumento

A serpente que figura em muitas composições deve, por conseguinte, ser analisada particularmente, caso a caso.

Olhando para a serpente da árula que nos ocupa, vemos mais do que mera preocupação estética; algo de mais grandioso que se entrelaça com a afectividade, o carinho e o respeito com que os romanos tratam os seus mortos.

Esta composição visual da serpente e do jarro pretende acrescentar algo sensível à mensagem verbal: o prolongamento eterno dessa mensagem, inevitavelmente limitada pelo espaço que lhe é atribuído no campo epigráfico. A perspectiva simbólica prolongará *ad aeternum* (intemporalmente), de maneira mais perfeita e fiel, um desejo inexpressável por palavras. A palavra passa, mas a imagem, essa, é eterna.

À simplicidade rude do texto alia-se, pois, a universalidade da imagem da serpente que bebe do jarro.

Ao relacionar os motivos decorativos simbólicos com o contexto epigráfico, sentimos o desejo de imortalidade do ente querido que transparece na figuração da serpente e que, de outro modo, apenas levemente afloraria no texto.

É nossa opinião que a imagem dada pela serpente bebendo o leite e o mel do jarro ritual simboliza a imortalidade do espírito do defunto, haurindo os néctares sagrados, para seu prolongamento eterno para além das vicissitudes da matéria.

O texto pressupõe-nos essa esperança dos filhos (Justo e Augustano) que, conjuntamente com a mãe (Comínia) colocam este monumento ao pai extremoso, Lúcio Comínio Esperado. Texto que permanece como uma mensagem além-túmulo: "Pai, onde quer que estejas (já que vives eternamente sob outra forma), não te preocupes que nós temos cuidado da mãe".

Quanto à possível existência desta temática simbólica noutros monumentos funerários ou noutras expressões artísticas do mundo romano, bem como a sua dispersão geográfica — o estado actual das nossas investigações não permitiu detectar outra composição semelhante a este motivo da serpente que substitui a pega do jarro de abluções e que, com a cabeça inclinada para dentro deste, intenta beber dos líquidos rituais.

A associação destes elementos simbólicos será, assim, talvez única na Península Ibérica e, porventura, no mundo romano.

Finalmente, em jeito de conclusão — quiçá provisória, pois que o prosseguimento da investigação poderá apontar ainda para mais direcções — há que colocar a serpente como símbolo de uma mentalidade religiosa que a associa ao espírito do morto que vem “banquetear-se” com as oferendas fúnebres, atraído pelo seu cheiro.

O desejo de imortalidade além-túmulo para um ente querido, aspiração que, ultrapassando a própria família, será também reflexo da mentalidade da comunidade que a envolve: a particularização, por conseguinte, de uma aspiração colectiva ¹⁴.

¹⁴ Agradecemos penhoradamente ao Amigo e Mestre, Doutor José d'Encarnação, o auxílio prestado na elaboração deste trabalho.